

**MACHOS DISCRETOS, DESEJOS INDISCRETOS: A PERFORMATIVIDADE
NOS CONTOS HOMOERÓTICOS DO PORTAL *MIX BRASIL***

Julio César Sanches¹

Resumo:

Este artigo pretende identificar quais códigos de gênero são reiterados nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil*. A análise se constitui na identificação dos códigos que asseguram o caráter de inteligibilidade dos corpos e das performances de gênero. A da teoria queer, pretendemos analisar a performatividade de gênero (Butler) dos personagens, identificando quais discursos são reiterados sobre corporalidade, sexualidade e beleza. A pesquisa revela que as marcas corporais da masculinidade heteronormativa estão presentes no imaginário homossexual. Com isso, as sexualidades e subjetividades evidenciadas pelo caráter de transgressão das normas de gênero são empurradas para o território da abjeção.

Palavras-chave: abjeção, corpo, gênero, homoerotismo, queer.

Introdução:

Os contos homoeróticos do portal *Mix Brasil*² apresentam características peculiares quanto as suas narrativas e a forte presença de determinados códigos de gênero. O corpo, as práticas, a higiene, a roupa e o comportamento dos personagens são apresentados de forma reiterada, o que garante a existência de um modelo hegemônico de corporalidade nos contos.

Assim sendo, o presente texto pretende problematizar a presença de determinados códigos que regem os gêneros, além de identificar quais elementos são reiteradas para assegurar a permanência de um modelo de masculinidade que esteja em consonância com os códigos de virilidade, narcisismo e limpeza. A pesquisa buscou mapear no portal *Mix Brasil* quantos contos homoeróticos foram postados entre os anos de 2008 e 2010. A partir disso, recortamos o universo de pesquisa em 10 (dez) contos,

¹ Graduando do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Integrante do grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS/CULT/UFBA) juliocesar_black@yahoo.com.br

² O portal *Mix Brasil* é acessado pelo link: <http://www.mixbrasil.com.br>



com postagens em datas, meses e anos diferentes, para dar conta dos contextos dessa produção (ver também Sanches 2010^a e Sanches2010b).

A bibliografia escolhida para essa análise busca dar conta das dimensões exercidas pelas marcas presentes no processo de materialidade dos corpos, e pretende compreender quais códigos são estabelecidos para se chegar à inteligibilidade de gênero. Com isso, pretendemos dialogar com as teorias pós-estruturalistas e *queer*, para construir pontes de reflexão sobre a subalternidade daqueles que fogem dos parâmetros da norma.

O universo de pesquisa *online* permitiu uma liberdade de questionamentos postulados por teóricos de diferentes áreas do conhecimento, contribuindo para uma análise interdisciplinar sobre as práticas exercidas, as categorias apresentadas e os códigos reiterados. Consequentemente, a plasticidade do produto analisado nos permite fazer pequenas observações sobre a complexidade da produção, circulação e relação dos signos relativos aos gêneros, sexualidades e corpos.

A metodologia utilizada no trabalho está pautada na utilização da teoria queer por acreditarmos que a partir de inscrições performativas da linguagem (BUTLER, 2001), construímos corporalidades e instituímos marcas de gênero (LOURO, 2004, BENTO, 2006). Dessa forma, masculinidades e feminilidades são construídas e negociadas através de jogos de poder envolvendo instituições sociais, culturais e educacionais. Assim, a relação entre linguagem e sociedade é apresentada como elemento constituidor da cultura, com seus demarcadores sociais, identidades e representações.

Pretendemos neste trabalho caminhar sobre o imaginário homoerótico, questionando os ideais de masculinidade – apresentados como portadores de força, virilidade e aparência hegemônica –, corpo (idealizado enquanto detentor de jovialidade, sanidade e higiene), raça – pela constante persistência de marginalidade dessa categoria – e, por último, questionando se as outras materialidades corporais estão excluídas do universo homoerótico. No bojo dessas discussões a subjetividade, a materialidade dos corpos e as práticas de transgressão serão apresentadas como elementos intrínsecos aos jogos de poder exercidos na sexualidade cotidiana (BRAZ, 2007, SILVA, 2009). Dessa forma, evidenciaremos novas rotas de apropriação do corpo, novos saberes corporais e novas estéticas, que burlam as normas impostas pela sociedade contemporânea, e buscam no homoerotismo outras possibilidades de

experiência sexual, como no caso dos praticantes de barebacking, orgias e sadomasoquismo (SILVA, 2009).

No *corpus* analisado, encontramos signos da masculinidade hegemônica: “macho de verdade”, “machão”, “cara de macho”, “macho que curtem pegar outros machos” evidenciando quais corporalidades são reiteradas no imaginário homoerótico brasileiro. Partindo da provocação de Judith Butler – os discursos habitam os corpos – apresentaremos quais discursos permeiam as corporalidades gays, além de posicionarmos quais práticas são reiteradas durante as relações sexuais transcritas nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil*.

Os contos trazem em suas narrativas marcas corporais que são constantemente apresentadas pela valorização do corpo. Jovialidade, virilidade e força são elementos constituintes das representações dos corpos apresentados nos textos. Assim, os corpos se materializam no discurso do “corpo bem definido”, “músculos definidos”, “forte e bem queimado de sol” e “todos sarados, coxudos, braços fortes, tatuados”. Com isso, compreendemos que a linguagem apresentada nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil* evidencia a superexposição de categorias hegemônicas de sexualidade.

O corpo masculino representado nos contos homoeróticos expõe as ramificações existentes no discurso performativo. Nesse contexto os discursos higienistas, narcisistas e heteronormativos são reiterados, direcionando as corporalidades, subjetividades e performances de gênero. Mesmo incluso nos territórios de subversão de gênero, o corpo é sacralizado por discursos normativos.

Quais são os corpos que importam?

Os contos homoeróticos analisados nesta pesquisa reiteram determinados códigos de corporalidade e de gênero que merecem ser observados no campo simbólico e discursivo dos sujeitos sociais. Aqui descreveremos quais concentrações simbólicas são apresentadas no decorrer das narrativas literárias homoeróticas, a fim de identificar quais corpos, estéticas e práticas são constantemente reiteradas pelos narradores.

No conto “*Loirão quis ser dominado*”, o corpo surge como ferramenta prática do desejo. Os personagens apresentam corpos enquadrados em códigos como: “(...) sou branco, cabelos e olhos castanhos, 1.80cm e 80 kg - e, claro, com pelos, na medida, certa pelo corpo” e “loiro alto (1.90cm), sarado (uns 80 kg), tipo surfista, cabelos cacheados, olhos ultra azuis, vestido como um riquinho q qr ser pobre - largadão -,

jeitão de macho, enfim, um modelão” (sic.). A corporalidade presente neste conto demonstra a construção de um ideal de beleza no imaginário homoerótico, o corpo apresentado está inscrito no território da normalidade. As marcas de raça, gênero e aparência são demonstradas como unidades indissociáveis ao prazer. Com isso, o corpo é referenciado como *locus* da presença de categorias hierarquizantes.

Em “*Fudendo o machinho sarado*”, a narrativa demonstra que a apresentação do sujeito está inscrita nas falas sobre o próprio corpo. Ao falar de si, os personagens descrevem as suas marcas corporais: “*Tenho 27 anos, 1,73m, 68 quilos, branco, bronzeado, poucos pelos, não sou malhado, mas tenho um corpo super legal*”. A lógica da representação de si perpassa a construção imagética das marcas de gênero, relatando os atributos e amenizando os códigos que não são favoráveis.

A narrativa do conto “*Carona para o sexo*” demonstra a necessidade de falar sobre os territórios corporais da prática sexual: “*Sou branquinho, 27 anos, olhos e cabelos castanhos, tenho 1,70 de altura, 69 kg bem distribuídos, bundinha grande e pernas grossas*”, fato que também é reiterado no conto “*Dei para três amigos no Carnaval: Sai para um baile de Carnaval e acabei sendo enrabado por três*” quando o narrador destaca o corpo dos demais personagens: “*Eles eram deliciosos. Todos sarados, coxudos, braços fortes, tatuados. Cara de mol(e)ques safados, bundinhas deliciosas*”(sic).

A concentração de marcadores de raça, geração e aparência é constantemente identificada nas falas de si. O corpo nesses contos não é apenas um suporte de códigos, mas sim a ferramenta de produção de sentidos e experiências, o corpo é o efeito do poder. A corporalidade do conto “*Machos na academia*” retrata a produção ou superexposição de determinados modelos que são aceitos no imaginário homoerótico: “*Branco, 1,85, magro, músculos definidos, liso, uma barba rala*”, essa prática também está presente no conto “*Chupeí quatro e dei para mais um no gang bang do cinemão*” quando se identifica como: “*(...) sou alto, tenho 1,95m, malhado e branquinho, com 38 anos*” e, ao mesmo tempo, mantém relações com um personagem descrito como: “*(...) um cara do tipo pedreiro. Alto, forte e bem queimado de sol, ele estava de camiseta e bermuda jeans*”. Mas, as marcas que residem no corpo também podem ser resignificadas no território do homoerotismo, quando o conto “*Trepei com o segurança e o surfista ao mesmo tempo*” demonstra a mobilidade entre as categorias corporais. Os personagens desse conto são retratados assim: “*Tenho 49 anos, mas devido a malhar, ter cabelos bem cheios e a pele bronzeada pelo sol carioca, aparento bem menos*”, “*(...)*

sarado, moreno, barba estilo badboy, aparentando uns 30 anos no máximo” e ainda: “Rapaz loirinho, magro, mais alto que ele e com não mais que 20 anos”.

O conto *“Dei carona pro garotão e chupei tudo: Homem casado não perde a chance de engolir pau de universitário”* também segue a mesma sequência narrativa em relação ao corpo: *“Chamo-me Marcos, tenho 38 anos, sou branco de olhos e cabelos negros, tenho 1,73 de altura e 79Kg”*, e o outro personagem, *“Gabriel, 24 anos, branquinho de camiseta branca, calça xadrez e chinelos”*.

Apenas nos contos *“Fui putinha de dois policiais”* e *“jogador de futebol me fez de putinha”* os personagens não falam de seus corpos, ou melhor, não falam de si. O corpo não é descrito em dois contos, no universo de dez contos homoeróticos, analisados nesta pesquisa. Portanto, o corpo assume extrema importância na modelação e permanência das subjetividades, imaginários e práticas homoeróticas.

As práticas sexuais exercidas também reúnem concentrações quanto as formas que se estabelecem os papéis de gênero. Tais práticas também revelam a existência de modelos, não muito rígidos, de dominação e passividade, mas no fundo, essas práticas revelam a plasticidade das relações de poder que envolvem os sujeitos participantes, além de explorar quais territórios do corpo estão em jogo. A boca, o pênis, o ânus, esses territórios são compreendidos como elementos exponenciais das práticas homoeróticas apresentadas no decorrer das narrativas literárias.

O pênis é destacado como estandarte das práticas exercidas entre os *machos*. Mas as práticas sexuais chegam ao “clímax” quando o ato de gozar surge como finalidade da sexualidade. Entre “machos de verdade”, o prazer é sacramentado quando o esperma faz parte das cenas idealizadas pelos narradores, e demais personagens, como afirma um trecho: *“o que mais curto mesmo é gozar na boca do cara”*.

No portal *Mix Brasil*, boygostoso2001@uol.com.br postou o conto *“Fudendo o machinho sarado”*, que indica qual o papel dos fluidos corporais nos atos sexuais.

O cara rebolava como uma puta no meu cacete e pedia pra eu fode-lo com força. Ouvir isso me deixa louco, disse que iria gozar e mirei os jatos de porra para aquele cu gostoso. Alguns foram para o destino certo, outros foram para seu rosto e ele com os dedos limpava o que não caía-lhe na boca e levava o dedo cheio de porra para a própria língua e dizendo que minha "PORRA" era deliciosa (sic.)

O ato de beber esperma durante as relações sexuais está intrinsecamente ligado à importância dada ao pênis no território homoerótico. “Os machos de verdade” são

agenciados a constituir novas formas de execução da sexualidade, como mostra o conto “Carona para o sexo”, postado por josivan31@uol.com.br ao falar da ejaculação.

Após várias penetrações profundas o safado tirou o pau do meu ânus e encheu minha boca de porra, enquanto gozava eu também gozava jorrando porra nas costas dele (...) então cai de boca no pau dele fiz um oral bem gostoso, quando percebi seu leitinho jorrando na minha boca, foi demais (sic.).

Entre “os machos de verdade”, existe uma relação que garante êxito entre o desejo e a prática. Com isso, o prazer é realizado num jogo mútuo de ações corporais performativas. O conto homoerótico “Machos na academia”, assinado por gato_de_ria@hotmail.com, retrata o mais uma cena de gozo: “O cara levantou a cabeça, gemeu baixo, e gozou dentro da minha boca. Na mesma hora, jatos de porra jorraram do meu caralho, deixando o meu peito e minha barriga melados” (sic.), isso também ocorre no conto “Fui putinha de dois policiais” postado por passivo77@hotmail.com, quando diz que: “Na hora de gozar, os dois encheram minha boca de leitinho e me fizeram engolir tudo. Engoli e deixei o pau de cada um bem limpinho”.

No decorrer das narrativas, encontramos descrições de sexo oral finalizados com a ejaculação de um ou mais parceiros, como relatou o texto de marcos.thierry@bol.com.br: “(...) o guri gozou na minha boca e eu não deixei uma gotinha fora”. Essa prática não se restringe ao gozar na boca, esse fetiche (como eles caracterizam) pode ser realizado de outras formas, como demonstra um outro conto: “Trepamos durante uma hora e os 3 gozaram ao mesmo tempo, tudo na minha cara. Fiquei cheio de porra. Depois ainda tive que limpar as picas com a boca”. Outra cena de ejaculação é registrada no trecho postado por afele31@hotmail.com:

Daí os caras começaram a gozar e urrar feito loucos. Uns gozaram na minha cara, outros no chão e o primeiro, o pedreirão, putz este foi tesão: fiz ele gozar na minha boca e engoli tudinho, cada gotinha do pau dele. A porra do cara era deliciosa, era docinha. Putz, foi puro tesão (sic.).

Podemos afirmar que os corpos apresentados estão inclusos numa lógica transgressiva da sexualidade, mesmo que significados num modelo de heteronormatividade e masculinidade hegemônica. As narrativas revelam um território de normatizações, subversões e práticas instáveis (não regulares) no campo empírico de pesquisa.

Identificamos a execução da sexualidade através de códigos como o gozo, o ato de gozar e a relação entre o corpo e os fluidos sexuais, tornando a materialidade corporal (fisiológica) chave para a execução do (homo) erotismo. A (re) significação do corpo e a subversão dos prazeres são evidenciadas em frases como estas:

1. *“Começou a meter a língua todinha no meu cuzinho, me deixou louco de tesão”.*
2. *“O cara tem um pica enorme, mas quando comecei a chupar o cu dele, ele pediu para ser torado”.*
3. *“Enquanto o segurança voltou me atacar, desta vez com a língua, lambendo meu cu e quase enfiando-a em mim”.*
4. *“Na mesma hora, um deles me puxou pra mais perto da piscina, ergueu minhas pernas e começou a chupar meu cuzinho”.*
5. *Chupei durante 1 hora e meia, foi quando um deles começou a chupar meu cu.*
6. *“Ora me comiam, ora chupavam meu cu (...)”.*
7. *“Enquanto eu chupava a rola de um, outro ia chupando meus peitinhos e outro lambia meu cuzinho”.*

O ânus também é apresentado como elemento primordial das cenas homoeróticas, sendo explorado durante as narrativas dos intercursos sexuais. As transgressões presentes nos contos tomam o corpo como principal espaço de execução simbólica do prazer, desestabilizando as estruturas simbólicas das regiões corporais, como no caso do ânus, que já foi considerado pelos discursos médicos, religiosos e jurídicos um lugar impróprio para a realização da sexualidade humana. Com isso, as falas de si presentes no decorrer das narrativas analisadas, retratam a existência de subjetividades que contestam os limites impostos pelos discursos da sexualidade hegemônica. Fato que expõe a circulação dos discursos não-autorizados no imaginário hegemônico social.

O sexo “entre machos”, “machos safados” ou coisas do tipo revela a existência de uma ética permissiva que não esconde o caráter normativo, mas que exclama o teor libertário existente nas práticas sexuais descritas. A transgressão das normas é evidenciada quando o falar de si expõe quais são os parâmetros da realização do desejo sexual, parâmetros que não podem ser medidos como territórios de finalização do desejo e da subjetividade dos sujeitos. Assim, no homoerotismo, determinadas barreiras,

que acreditamos existir, deixam lugar para as experiências que exploram ao máximo os contornos do corpo. Dessa forma, as narrativas de experiências e intercursos surgem como significado de possibilidades estético-sexuais, onde a comunhão de marcadores de raça, geração e aparência tornam os corpos inteligíveis.

Corpo, masculinidades e diferença, problemas de gênero?

Os contos homoeróticos do portal *Mix Brasil* evidenciam a solicitação de categorias que formatam a materialidade dos “corpos que importam” (Cf. Butler, 2001). Com isso, a materialidade desses corpos é a concretização da norma, que se constitui na reiteração performativa de atos que garantam a permanência do modelo heteronormativo em narrativas não-heterossexuais. Os *machos* expostos nas produções literárias do portal *Mix Brasil* trazem em seus corpos reiterações de *masculinidade* que exploram ao máximo os ideais de força, sexualidade e discrição. Braz (2007), em sua etnografia em clubes de sexo para homens, afirma que existe uma valorização da masculinidade em espaços voltados para sexo entre homens. Ser homem nesse contexto, e em outros também, é esconder a “bichisse” que os sujeitos podem ter.

A rejeição aqui é de quaisquer atributos – corporais, gestuais, comportamentais, relativos a sentimentos, sensações ou expectativas – que possam ser relacionados ao estereótipo do “afeminado”. A valorização do “macho”, os discursos que constituem o macho como objeto de desejo, não se opõem, nesse sistema, à feminilidade, mas à “bichisse” (BRAZ, 2007, p.187).

Ser *discreto* valoriza o sujeito neste mercado simbólico das relações sexuais entre homens³. Fato que também é detectado nas narrativas homoeróticas pesquisadas.

Reiteraões sob a égide do *macho* ratificam as representações sobre o corpo masculino, construindo pontes sólidas entre masculinidades hegemônicas e homossexualidades. As relações sexuais narradas demonstram a existência de negociações que possibilitam fugir da norma e cair na dissidência. Os contos analisados, em suma, retratam o jogo das corporalidades, com seus marcadores de diferença, em

³ Facchini (2009) detectou que os códigos de *discrição* também são acionados por lésbicas. A autora assinala a existência de níveis de preconceitos contra as *masculinizadas*. Com isso, a *discrição* também é valorizada em outros contextos “O lugar ocupado pela figura da *masculinizada* nas falas parece ganhar sentido nessa dinâmica baseada na *discrição*: uma mulher que se faz acompanhar por ela poderia ter seus desejos e práticas sexuais imediatamente publicizados” (FACCHINI, 2009, p.327) (grifos da autora).

que a norma é estabelecida pelo modelo de inteligibilidade presente na heterossexualidade compulsória.

Os *machos* retratados buscam o prazer na materialidade dos corpos de outros *machos*, mas frisam a necessidade de limitar o caráter de transgressão das normas, possibilitando a afirmação da existência de uma ética na transgressão (Gregori 2003). Nos contos analisados, o consentimento de determinadas práticas que não sejam demonstradas como *aceitáveis* são lançados nas cenas. Por isso, a norma esbarra no desejo de fugir das convenções sociais, das maneiras “normais” de exercer a sexualidade. Ao refletirmos sobre as vivências (homo) eróticas, podemos encontrar nuances de discursos que invocam tanto o papel da transgressão, como da manutenção das hierarquias, desigualdades e modelos. A partir disso, buscarei demonstrar que as narrativas analisadas estão situadas nesse *entre-lugar* existente entre a norma e a dissidência da masculinidade.

As representações corporais masculinas resgatam e, ao mesmo tempo, acionam discursos sobre corpo, raça e subjetividades masculinas⁴. E, tais discursos, surgem entrelaçados por categorias de classe social, geração e estilo de vida. Dessa forma, as reiteraões existentes no decorrer das narrativas, existem para estabilizar os limites da construção simbólica desses corpos. Antes, devemos situar o contexto das práticas sexuais exploradas pelos contos, situando o homoerotismo e suas representações. Encontramos ressonância dessa temática no trabalho de Maria Filomena Gregori (2003). Ao citar Gilles Bataile – grande referência em erotismo, Gregori diz que, para o autor, a concepção desse conceito diz respeito à “transgressão às convenções sociais” (GREGORI, 2003, p.99). E, além disso, “é perpassada pelo posicionamento da relação masculino/feminino a partir de uma díade entre ativo e passivo” (idem, 2003, p.99). Dessa forma, tomo o conceito de erotismo para refletir as posições de gênero e sexualidade que são apresentados nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil*. Porém, utilizaremos esse termo (erotismo) no contexto de sexualidades homoeróticas que, em algum sentido, podem fugir da díade ativo/passivo⁵. Como descreve Silva:

⁴ Braz (2009) demonstra como os marcadores de diferença cor/raça, idade e performance de gênero operam no contexto homoerótico. A ausência/presença desses marcadores possibilitaria, ou não, maior número de parceiros e interações sexuais nestes espaços. “Esse sujeito ‘hipermasculino’ de desejo é produzido discursivamente e atuado corporal e gestualmente nesses contextos. E essa hipermasculinidade corporaliza, ‘embodied’, institui a partir daí modos particulares de relação social” (BRAZ, 2009, p.222). Essas práticas também são percebidas em diferentes contextos como apresentados no trabalho de (TEIXEIRA, 2009, FRANÇA, 2009, FACHINNI, 2009).

⁵ Minha proposta não é pensar (homo) erotismo incluso em modelos de heteronormatividade, mas sim como pensam os teóricos *queer*. Aqui, pretendo articular a ideia de *negociação* entre os personagens

Ainda que muitos homens (machos ou másculos) não queiram interagir sexualmente com outros homens considerados afetados, afeminados, bichas ou viados, e estejam orientados por imagens corporais específicas, principalmente pelo tamanho do pênis, isso não significa que organizem suas práticas e desejos sexuais de forma rígida, em torno da dicotomia atividade-passividade, masculinidade feminilidade (SILVA, 2009, p.682).

O homoerotismo presente nos contos do portal *Mix Brasil* falam de corpos, gozos, práticas e fenômenos que merecem ser problematizados. As discursividades construídas nas narrativas dialogam diretamente com os contextos e as relações cotidianas de discriminação, opressão e hierarquização das categorias socialmente construídas no decorrer dos processos históricos. Consequentemente, a relação entre diferença e identidade se estabelece, constituindo um campo de relações de poder, onde os limites epistemológicos das identidades evidenciam a constituição da sua diferença, da sua exterioridade, do outro.

Avtar Brah (2006) considera “a diferença” em diferentes perspectivas. Ao falar de gênero, a autora expõe a ideia de localidade das experiências desta categoria. A localidade das experiências tornaria a categoria de gênero vivenciada de formas diferentes a depender dos contextos culturais, sociais e políticos. Por isso, podemos considerar que, “nosso gênero é constituído e representado de maneira diferente segundo nossa localização dentro de relações globais de poder” (BRAH, 2006, p. 341). As formulações de Brah direcionam o conceito de diferença para a existência de discursos coercitivos, mas ao mesmo tempo, fragmentários. “É axiomático que o conceito de “diferença” está associado a uma variedade de significados em diferentes discursos” (idem, 2006, p.359). Por isso, a diferença é um elemento constituidor da formação das relações de poder.

Em outras palavras, a diferença não é sempre um marcador de hierarquia e opressão. Portanto, é uma questão contextualmente contingente saber se a diferença resulta em desigualdade, exploração e opressão ou em igualitarismo, diversidade e formas democráticas de agência política (BRAH, 2006, p.374).

A conjunção de diferentes discursos sobre sexualidade, raça e geração torna o conceito de diferença localizado em diferentes perspectivas, como conceituou Brah. Assim, para a autora, existe a “diferença como experiência, diferença como relação

envolvidos, tornando as relações de gênero e sexualidade mediadas por outros códigos e experiências, como as vivências intersex, crossdresser, travestis e praticantes de BDSM.

social, diferença como subjetividade e diferença como identidade (idem, p.359)”. Neste trabalho, pretendo articular a ideia de diferença como identidade, pois compreendo que as posições de gênero dialogam com diferentes marcadores de diferença (cor/raça, classe social, nacionalidade), tornando a interseccionalidade um caminho intrínseco à experiência dos sujeitos. Pois,

De fato, a identidade pode ser entendida *como o próprio processo pelo qual a multiplicidade, contradição e instabilidade da subjetividade é significada como tendo coerência, continuidade, estabilidade; como tendo um núcleo – um núcleo em constante mudança, mas de qualquer maneira um núcleo – que a qualquer momento é enunciado como o “eu”* (BRAH, 2006, p.371) (grifos da autora).

A partir dessa compreensão, da existência de *sutura* das identidades, é possível compreender que as masculinidades suscitadas nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil* tentam esconder o caráter construtivo e constitutivo das subjetividades que, em larga escala, teriam o poder de revelar as discrepâncias e dissonâncias dos desejos, prazeres e práticas. *Os machos* representados são colocados como objetos de desejo heteronormativo, sendo colocados sempre na díade atividade/passividade, mas também é possível afirmar a existência de práticas que fogem do modelo dominante dessa sexualidade.

As relações mediadas pelo homoerotismo tornam determinadas regiões do corpo masculino mais exploradas nas narrativas. O pênis aparece como elemento simbólico mais expressivo das relações de desejo e na prática sexual dos personagens, configurando as cenas e tornando os corpos desejados e desejáveis. Gregorí (2003) afirma que o erotismo representado pelos acessórios, construídos como objetos de prazer, está pautado no apelo das genitálias. A estética dos dildos, vibradores e demais acessórios tende a uma percepção erótica direcionada ao uso do pênis, vagina e ânus. O objeto desejado é exposto como ferramenta primordial da nova lógica do prazer, “O que me faz pensar que nessa nova configuração do erotismo existe uma ênfase na “genitalidade”. Uma parte do corpo – os genitais – parece ser o objeto por excelência dessas sexualidades que se descortinam” (GREGORÍ, 2003, p. 114). Nos contextos de práticas homoeróticas, como no caso de praticantes de Barebacking⁶, o pênis transmite

⁶ Silva (2009) constata que o pênis apresenta uma simbologia que media a ideia de prazer nas relações homoeróticas. Portanto, o contato direto com o pênis do outro permite o acesso ao prazer total e sem barreiras. Mas o objeto de prazer está associado ao risco de contrair DST's. “O pênis carrega um

toda a carga simbólica da masculinidade, o esperma/sêmen. Assim, o pênis associado ao esperma/sêmen surge como principal elemento simbólico das ações homoeróticas, fato que é recorrente em todos os contos analisados.

A afirmação de prazeres que vão na contramão de determinados modelo de sexualidade terminam por revelar a existência de fluidez das categorias identitárias e das disposições sexuais contemporâneas. “Nesses novos arranjos interativos, as posições eróticas apresentam-se mais flexíveis, transgressivas e versáteis, no que diz respeito a ser ativo ou passivo, receber ou dar a porra (ou mijo)” (SILVA, 2009, p.682). Com isso, ao falarmos das relações sexuais e comportamentais presentes nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil*, devemos compreender que, a todo o momento, “jogos de poder” são articulados e rearticulados durante o intercurso sexual, tornado problemática a ideia de poder único existente nas disposições fixas de sexualidade ativo/passivo.

Os contos do portal *Mix Brasil* terminam por demonstrar a incapacidade teórica perante as vivências e práticas do homoerotismo. A representação dos corpos masculinos demonstra estreita relação entre os gêneros e, ao mesmo tempo, desarticula os pressupostos de heterossexualidade compulsória, nos modelos butlerianos. O gênero desses sujeitos caminha por espaços desautorizados pela normatividade presente na heterossexualidade, desestabilizando os desejos e as práticas tidas como inteligíveis. Assim, o cenário de subversão também abre espaço para a apresentação dos corpos tidos como abjetos.

Do dissidente ao abjeto

Másculos, viris, homens de verdade, machos, esses são os nomes atribuídos aos personagens dos contos homoeróticos. Na articulação entre desejo e prática sexual, expostos nos textos, é possível identificar as rachaduras dos modelos de identidade, ou melhor, do que se chama de limite epistémico das identidades. No decorrer do processo de análise, é imprescindível afirmar que a fluidez e as discontinuidades estão presentes nas sexualidades retratadas. Corpos que não se conformam, que apresentam desejos incompletos, abusos autorizados, subjetividades que escancaram a existência de

excedente simbólico, podendo tanto instrumentalizar o prazer quanto carregar ou transmitir a essência do homem – sua força, seu ser, sua vida (e sua morte)” (p.680).

modelos subversivos de sexualidade, esses também são os perfis apresentados nos contos homoeróticos do portal *Mix Brasil*. Com isso, é possível afirmar que corpos “desautorizados” burlam os limites da heteronormatividade, como é descrito no trecho do conto “*loirão quis ser dominado*”:

Ele disse q ã beijaria na boca pq era hétero - fingi q acreditei -, mas q teria algo para me compensar. Foi pedindo para ser dominado. Nunca fiz isso, pois tbm era do tipo 'discreto' e com pouca experiência sexual, mas, sabe como é... carnaval, pau duro, loirão tipo exportação... Daí ele se levantou, abriu a mochila e pediu permissão para colocar um biquine. Ooops!, pensei, eu curto comer macho com jeito de macho, agora tem esse gostosão aqui q nem beijar beija e q quer se vestir de mulher... Ah... q ferva, era um filé q ã comeria tão cedo se ã aproveitasse a oportunidade e, já q tava ali, 'ordenei' à minha vadia q se vestisse logo então (sic.).

A fragmentação da representação “masculina” expõe as contaminações da subjetividade naquilo que chamamos de identidade (BRAH, 2006), por isso, as identidades sexuais são permeadas por dissidências, como é apresentado nos contos. Até os *machos* estão dispostos a negociar os valores de desejo no mercado simbólico da sexualidade (BRAZ, 2009). Nesse cenário, as relações e representações de feminilidade surgem no vocabulário da *vadia*, *mulherzinha*, *cachorra*, que permitem ao gênero feminino ser passivo, somente. Mas, devemos pontuar que as representações estão presentes em corpos “marcados” como masculinos, de *machos de verdade*.

Por mais questionável do ponto de vista das hierarquias que coloca, a hiper-valorização da masculinidade ou a criação discursiva do “macho” como objeto de desejo entre esses homens (e de um macho que não perde sua “macheza” ao ser penetrado) pode ser lida como rearticulação ou deslocamento de convenções relativas a sexo, gênero e desejo que compõem a matriz heteronormativa culturalmente hegemônica, como se esses atos corporais servissem para pensar também o masculino como um pastiche (BRAZ, 2007, p.202).

As rupturas apresentadas edificam novas rotas de desejo, que surgem como incongruentes em sua gênese. O deslocamento de gênero é um dos elementos que constituem as cenas homoeróticas dos contos do portal *Mix Brasil*. *Homens de verdade* expressão seu desejo de ser dominado por outros *machos* e, ao mesmo tempo, solicitam códigos de gênero feminino para a realização do prazer sexual. Tais processos, de deslocamento de gênero, configuram o imaginário das masculinidades transgressivas, e também dialogam com as discussões sobre os novos sujeitos. Mas, esses cenários

também revelam o caráter da abjeção em relação aos corpos e desejos que “excedem” as normas de gênero e sexualidade.

A corporalidade dos personagens de dois contos é negada quando o falar de si não está presente nas narrativas. O sujeito transgressivo, que adota a marginalidade como conduta, é questionado pelos cânones da heterossexualidade compulsória. É possível falar que posições *queers* são adotadas por determinados sujeitos, que vêm na subversão a fonte de prazer, e mantêm práticas tidas como abjetas, como no caso dos personagens dos seguintes contos: “*Jogador de futebol me fez de putinha*” e “*Fui putinha de dois policiais*”. Esses contos retratam a fuga da norma e a busca por rotas de prazer, dissociando sexo, gênero, desejo e prática, problematizando ainda mais o caráter cultural e histórico das sexualidades existentes.

Obviamente que estava vestidinho como adoro: micro shortinho, calcinha e baby look. Já havia rodado alguns quilômetros e nada havia me acontecido; porém, desistir nem pensar. Era mais ou menos 1 da madrugada quando passa por mim uma Xsara Picasso (nome bastante sugestivo, a propósito), com um cara bastante gato dirigindo. Eu estava parado em frente ao Ginásio de Esportes de Barueri, fora do carro, dando a maior pinta, dentro do meu shortinho e com a calcinha escandalosamente dentro de mim (sic.).

A descrição de um corpo crossdresser⁷ demonstra que corporalidade e abjeção estão em estreita ligação. Corporalidade e abjeção têm estreita relação se pensadas como componentes que formalizam o que é culturalmente inteligível, ou não, na cultura e na sociedade. O corpo que ousa falar de si em espaços de hierarquia de gênero não é autorizado a se “corporificar” enquanto “humano”, pois ele vive em zonas que não devem ser utilizadas para o exercício da sua existência corpórea (tida como ontológica).

O território da abjeção surge na constituição dos sujeitos identitários, e formaliza o que é inteligível e o que é abjeto (o outro), “o domínio da ontologia é um território regulamentado: o que se produz dentro dele, o que é dele excluído para que o domínio se constitua como tal, é um efeito do poder” (PRINS & MEIJER, 2002, p. 161). Dessa forma, a abjeção se âncora na formatação identitária, e na construção da “primitivização” dos corpos. Com isso, o abjeto reside na perspectiva da impureza, da não-humanidade dos corpos, tornando aquilo que não é compreendido pela cultura

⁷ Anna Paula Vencato diz que “(...) uma pessoa crossdresser pode ser definida como alguém que eventualmente usa ou se produz com roupas e acessórios tidos como do “sexo oposto” ao seu ‘sexo biológico’” (VENCATO, 2009, p.95).

como pertencente ao primitivo, animal, sujo, asco e ininteligível. Como descreve Diaz-Benítez e Fígari:

A constituição de sexualidades normais e periféricas denota uma falsa unidade que fragmenta o corpo, uma desunião que reduz sua erogenia. Por isso, quando aparecem outros corpos ou práticas sexuais/eróticas que desafiam a lógica desta gramática, são produzidos, como vimos, dois efeitos: o primeiro é a consideração de não-humanidade, o segundo, a abjeção e a repugnância (DIAZ-BENÍTEZ & FÍGARI, 2009, p. 24-25).

A corporalidade está relacionada com a abjeção como um corolário constituinte de valoração de vida. Butler, em entrevista, afirma que a abjeção “relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’” (PRINS & MEIJER, 2002, p.161). A ontologia dos corpos, o poder e os discursos mediam e formatam os “corpos que importam” e os “corpos fracassam” na sua materialidade. Norma e dissidência travam uma negociação de realização sexual, como descrita a baixo:

Ele parou o carro e começou e me chamar de cachorra, safada e dizendo que eu ia receber o que queria por estar àquela hora caçando rola na rua. Deixei a rola dele muito dura, ele baixou o banco do passageiro, me colocou de quatro, colocou uma camisinha e meteu em mim. O gato estava com tanta fome, que me contorci inteirinha. E então isso o deixou com tesão, pois soltei um gemido de dor e era exatamente o que ele queria - ser o dono da situação. O tempo todo ele me perguntava: "Quem é que manda aqui, putinha? quem é seu macho, putinha? Chupa meus pés, cachorra, abre esse cu" (sic).

Os corpos evidenciados nos contos do portal *Mix Brasil* estão presos nos discursos que os materializam. Falar de masculinidades também é retratar o processo de construção da norma (do que é normal) e da dissidência (que pode ou não ser abjeta). As instabilidades do processo de materialização dos corpos são expostas na relação estabelecida entre norma e dissidência que demonstra a necessidade constante de citação dos atos de gênero, mas nem sempre os discursos reiterados no decorrer desse processo de materialidade funcionam. E, é por isso que práticas sexuais/eróticas dissidentes perturbam as estruturas do modelo de heterossexualidade compulsória, como no caso de relações homoeróticas mediadas por códigos que deslocam o gênero.

Todos esses movimentos, seja para se aproximar, seja para se afastar das convenções, seja para reinventá-las, seja para subvertê-las,

supõem investimentos, requerem esforços e implicam custos. Todos esses movimentos são tramados e funcionam através de redes de poder (LOURO, 2004, p. 89).

Na subversão dos modelos de gêneros, também encontramos processos de legitimação daqueles que “fracassam” na materialidade. É pertinente considerarmos que o poder age como nos pressupostos seguidos por Judith Butler – o corpo nasce nas ramificações do poder, e é a expressão dos efeitos e normas regulatórias do gênero.

Corpos velhos, deficientes, negros, feios, não estão presentes nas produções homoeróticas do portal *Mix Brasil*. Na pesquisa o horizonte de silenciamento e invisibilidade dos sujeitos que não estão na norma é grande, aqueles que não se enquadram nos modelos narcísicos de beleza estão fora do *mainstream* da produção homoerótica brasileira. Os negros serão transformados em “morenos queimados de sol”, e sempre estarão presentes em imaginários de potencial sexual forte, virilidade extrema, mas estão longe de serem protagonistas de relacionamentos afetivos duradouros e sérios. Afinal, a beleza retrata nos contos é caucasiana (branca), e está inclusa em modelos de aparência que tornam necessário a reiteração do modelo hegemônico masculino (branco, heterossexual, classe média, cristão).

A maturidade de um corpo que adentra a terceira idade - “*Tenho 49 anos, mas devido a malhar, ter cabelos bem cheios e a pele bronzeada pelo sol carioca, aparento bem menos*” – também passa por um processo de enquadramento para a “realização” do desejo entre os *machos*, que devem ser jovens, bonitos e sempre limpinhos.

No território das abjeções, o corpo que está limpo, com a “*rola sem cheiro de mijo*”, é considerado próprio para a realização dos intercursos sexuais. É possível afirmar que existem corpos apropriados e inapropriados para a realização e a constituição das fantasias sexuais no homoerotismo brasileiro. Os corpos limpos são autorizados a permear o imaginário homossexual por serem sempre jovens, bonitos e brancos. Já os negros, gordos, feios, sujos e pobres não estão presentes nas produções homoeróticas do portal *Mix Brasil*. Podemos apontar a existência de modelos perpetuados no imaginário homoerótico: são corpos que retratam força, virilidade, status social, e sempre cumprem o ideal de *discrição* solicitado pelos moldes heteronormativos.

Referências bibliográficas

BENTO, Berenice. A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: Cadernos pagu 2006, n.26, p.329-376.

BRAZ, Camilo Albuquerque de. Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo. In: Cadernos Pagu. 2007, n.28, p. 175-206.

_____. Silêncio, suor e sexo: subjetividades e diferenças em clubes para homens. In: Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Diaz-Benítez e Carlos Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 207-236.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: O corpo educado: pedagogias da sexualidade/ Guacira Lopes Louro (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 151-172.

DIAZ-BENÍTEZ, Maria Elvira; FÍGARI, Carlos. Introdução. Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência. In: Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Diaz-Benítez e Carlos Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.21-29.

FACCHINI, Regina. Entrecruzando diferenças: Mulheres e (homo) sexualidades na cidade de São Paulo. In: Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Diaz-Benítez e Carlos Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 309-341.

FRANÇA, Isadora Lins. Na ponta do pé: quando o black, o samba e o GLS se cruzam em São Paulo. In: Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Diaz-Benítez e Carlos Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.393-421.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. In: Cadernos Pagu. 2003, n.20, p.87-120.

LOURO, Guacira Lopes. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PRINS, Baukje & MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria. Entrevista com Judith Butler. Revista de estudos Feministas, Florianópolis, V 10, nº 1, janeiro-junho de 2002.

SILVA, Luis Augusto Vasconcelos. Masculinidades transgressivas em práticas de barebacking. Revista de estudos feministas, Florianópolis, V 17, nº 3, setembro-dezembro de 2009.

TEIXEIRA, Alexandre Eustáquio. Discursos e representações sobre territórios de “pegação” em Belo Horizonte. In: Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Diaz-Benítez e Carlos Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p.263-288.

VENCATO, Anna Paulo. Negociando desejos e fantasias: Corpo, gênero, sexualidade e subjetividade em homens que praticam crossdressing. In: Prazeres dissidentes/ Maria Elvira Diaz-Benítez e Carlos Fígari (orgs.). Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 93-117.

Referências da internet

Loirão quis ser dominado. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/loirao-quis-ser-dominado.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Fodendo o machinho sarado. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/contos-eroticos/fodendo-o-machinho-sarado.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Jogador de futebol me fez de putinha. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/contos-eroticos/jogador-de-futebol-me-fez-de-putinha.html> - acessado em 20 de setembro de 2010

Carona para o sexo. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/carona-para-o-sexo.html> - acessado em 20 de setembro de 2010

Fui putinha de dois policiais. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/fui-putinha-de-dois-policiais.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Machos na Academia. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/contos-eroticos/machos-na-academia.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Chupeí quatro e dei para mais um no gang bang do cinemão. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/contos-eroticos/chupeí-quatro-e-dei-para-mais-um-no-gang-bang-do-cinema.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Trepei com o segurança e o surfista ao mesmo tempo. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/trepei-com-o-seguranca-e-o-surfista-ao-mesmo-tempo.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Dei carona pro garotão e chupei tudo:

Homem casado não perde a chance de engolir pau de universitário. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/contos-eroticos/dei-carona-pro-garotao-e-chupeí-tudo.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.

Dei para três amigos no Carnaval:

Sai para um baile de Carnaval e acabei sendo enrabado por três. Disponível em: <http://mixbrasil.uol.com.br/sexo/dei-para-tres-amigos-no-carnaval.html> - acessado em 20 de setembro de 2010.